

171

PSICANÁLISE, CINEMA E ENVELHECIMENTO. *Andre Oliveira Costa, Liliane Seide Froemming (orient.)* (Departamento de Psicanálise, Psicopatologia e Clín, Instituto de Psicologia, UFRGS).

Há uma tendência a perceber o tempo associado a características cronológicas e físicas. Trata-se de considerar, também em dimensão subjetiva, os instrumentos de determinação do tempo. Velho, velhice e terceira idade são mais do que adjetivos atribuídos a pessoas. São significantes que podem ser pensados através do tempo da memória, do tempo do inconsciente. A memória é despertada por diversos tipos de elementos, como cores, sons, paisagens, ligando estes a uma lembrança. É através dessa reconstrução do passado a partir do presente que pode-se construir imaginariamente uma identidade. Entretanto, esse elo associativo nem sempre é consciente. O objetivo deste trabalho é investigar como construções imaginárias de envelhecimento se produzem a partir do cinema. Qual seria, então, a possibilidade de construção de identidades a partir do que é veiculado em filmes que abordam essa temática? Que dispositivos podem ser elaborados para trabalhar com grupos de terceira idade, utilizando recursos fílmicos? Será tratada, portanto, a questão relativa à construção do imaginário do envelhecimento utilizando como fonte de dados relatos clínicos de pacientes da terceira idade em situação de psicoterapia e o acompanhamento do Núcleo de Cinema da Universidade para a Terceira Idade (UNITI). Os aportes psicanalíticos para interpretação do material e elementos derivados do campo da análise fílmica servirão de parâmetro para a análise dos dados. A memória é despertada por sabores, cores, paisagens que fazem elos, ligando o tempo. O elo associativo entre o elemento ativador e a lembrança nem sempre é consciente; Freud aproxima a melancolia do luto, estados em que o eu se queixa de uma perda e nos quais o eu fica cheio de vazio. É uma doença do tempo, em que o sujeito não vislumbra mais futuro, aproximando-se da morte. Três escritos consecutivos dos anos de guerra, datados de 1915, são produzidos por Freud: Luto e Melancolia, Considerações sobre a guerra e sobre a morte e A transitoriedade. É neste último que ele aborda o tema do efeito psíquico produzido pelo fato de percebermos que não somos perenes. Esta percepção não ocorre sem impacto. Provavelmente, a maior dificuldade que os homens têm ao lidar com a velhice deriva da associação da velhice com a morte. Logo, mais do que a velhice, o alvo dos preconceitos é a morte. Há que se tomar o envelhecer como um significante para além da associação com a idéia de uma pessoa velha. (FAPERGS/IC).